FEMINISMOS, MACHISMO E EDUCAÇÃO: reflexões a partir da experiência pibidiana[11]

FEMINISM, MACHISM AND EDUCATION: reflections from the pibidian experience

Raphael Silva Bernardes[2]
Beathryz Galdino Andriani[3]
Rayanni de Souza Ribeiro[4]
Jacyra Antunes Parreira[5]
Vinicius Lopes Henriques[6]

RESUMO

O presente relato descreve a experiência de tratar a temática "desigualdade de gênero", com estudantes do 1º ano do ensino médio, em uma escola estadual de Belo Horizonte. As atividades foram desenvolvidas pelos graduandos de História da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais no PIBID, através do "Projeto Leitura", no qual visamos discutir conteúdos interdisciplinares para aperfeiçoamento da leitura e escrita dos discentes. Ao tratar em sala de aula as repercussões perceptíveis relacionadas ao objeto de estudo, observamos a relevância da educação como ferramenta de transformação da realidade, evidenciando a necessidade de se refletir questões de desigualdade de gênero e machismo no ambiente escolar. Buscamos também destacar a importância de desenvolver uma análise sobre esse tema, desde as estruturas patriarcais até as resistências atuais e a sua relevância no contexto brasileiro contemporâneo. É notório a necessidade de abordar esse contraste social com os alunos, pois isso não apenas combate estereótipos e preconceitos, mas também os capacita a desenvolver um senso crítico. Ao desafiá-los a questionar normas injustas, estamos contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Palavras chaves: Desigualdade de gênero, feminismos, machismo, educação.

ABSTRACT

This report seeks to describe the experience of dealing with the theme "inequality of gender",

---

[1] [1] Este artigo é resultado parcial das ações do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais fomentado pela Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

[2] Graduando do curso de História na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, Campus Coração Eucarístico. E-mail: raphabernardes82@yahoo.com

[3] Graduanda do curso de História na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, Campus Coração Eucarístico. E-mail: beathryzandriani2002@gmail.com

[4] Graduanda do curso de História na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas, Campus Coração Eucarístico. E-mail: rayanni.ribeiro@sga.pucminas.br

[5] Doutoranda em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professora do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, coordenadora da subárea de História do PIBID. E-mail: jacyraantunes@hotmail.com

[6] Graduado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP. Email: vinicius.henriques@educacao.mg.gov.br

with 1st year high school students, in a state school in Belo Horizon. The activities were developed by Pontifical History graduates of Catholic University of Minas Gerais at PIBID, through the "Reading Project", in which We aim to address interdisciplinary content to improve reading and writing students. When discussing in the classroom the noticeable repercussions related to the topic, we observe the importance of education as a tool for social transformation, highlighting the need to discuss issues of gender inequality and machismo in the environment school. We seek to highlight the importance of developing critical thinking about this theme from patriarchal structures to current resistance, and its relevance in Society contemporary Brazilian. It is necessary to address this social contrast with students, as this not only combats stereotypes and prejudices, but also empowers them to develop a critical sense. By challenging them to question fair norms, we are contributing to a more inclusive and equitable society.

Keywords: Gender inequality, feminism, machism, education

INTRODUÇÃO

O relato de experiência a ser exposto almeja discutir as práticas obtidas com o trabalho desenvolvido no ambiente da sala de aula, acerca da desigualdade de gênero, evidenciando a forma com que este tópico foi elaborado e apresentado para os discentes. Além disso, procuramos explicitar os referenciais teóricos utilizados como suporte da discussão feita, e os resultados atingidos com esse primeiro contato da docência no ensino básico.

Sob esse prisma, a educação é compreendida como a constante humanização do ser humano, em que promove a descoberta crítica dos sujeitos ativos na sociedade, sendo que tal ação somente é condicionada pela contradição da situação concreta na qual estão inseridos, em seu contexto de vivência (Freire, 2022, p.42). A partir dessa lógica, a escola e o processo de ensino-aprendizagem se constituem não somente na transmissão de conteúdo, mas sim na oportunidade de os estudantes construírem o conhecimento de forma coletiva, para que o aprendizado seja uma ferramenta para a transformação de sua realidade social. (Freire, 2022, p.43-44).

Nesse caso, as nossas atividades desenvolvidas ao longo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no subprojeto de História, foram de suma importância na formação intelectual e docente dos graduandos, pois permite às suas inserções na sala de aula do ensino básico anteriormente aos estágios obrigatórios. Deste modo, o projeto atua promovendo um contato entre os estudantes das licenciaturas com espaço escolar, possibilitando o aperfeiçoamento de um olhar concreto sobre a comunidade escolar e sua cultura.

Por meio do PIBID, foi possível abordarmos uma discussão de forma crítica acerca das desigualdades de gênero na sociedade, colocando o aluno enquanto centro da sua aprendizagem, o tornando protagonista e membro ativo desse processo. Na contemporaneidade tal aspecto é

latente, visto que, de acordo com a pesquisa feita pelo Fórum Brasileiro de Segurança Pública junto ao Instituto Datafolha em 2022, cerca de 18 milhões de mulheres sofreram alguma forma de violência no país. Quando se transpõe esse dado para a escola, nota-se que há uma carência de políticas pedagógicas sobre o enfrentamento à misoginia, sendo apenas 25,5% das escolas do Brasil que têm projetos de combate à homofobia e ao machismo, o patamar mais baixo registrado nos últimos 10 anos.[27]

Diante desse cenário acreditamos que é crucial tratar dessa problemática com os alunos, e para isso nós, pibidianos, construímos o Projeto Leitura, no qual baseamos o ensino de história na leitura dos mais diversos textos para abordarmos sobre as desigualdades sociais, se recorrendo a interdisciplinaridade. Durante a pandemia de COVID-19 notou-se uma defasagem na leitura e escrita, tendo em vista que as crianças e os jovens em idade escolar foram prejudicados drasticamente: 34% dos discentes estão avançando com dificuldades, 6% não estão avançando no processo de alfabetização, 10% dos estudantes de alfabetização estão em nível muito abaixo do esperado e 11% estão em nível inadequado[8]. A partir desses dados apresentados, entendemos que é uma realidade que demanda transformação e mobilização de todos, principalmente dos educandos.

Nós, estudantes da licenciatura do curso de História da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas), desenvolvemos o projeto proposto com turmas do 1° ano do ensino médio de uma escola estadual em Belo Horizonte, localizada no bairro Coração Eucarístico. Além do mais, sob orientação do nosso professor preceptor e da nossa coordenadora, a professora Jacyra Antunes Parreira, confeccionamos materiais didáticos a serem apresentados aos discentes durante as aulas ministradas.

METODOLOGIA

Este projeto educacional foi concebido pelos estagiários do PIBID, tendo como objetivo estabelecer uma conexão mais profunda ao discutir conteúdos envolvendo as realidades dos discentes, além de estimular o desenvolvimento de uma leitura crítica do mundo ao seu redor, logo, optamos por abordar temáticas interdisciplinares. Os temas estudados foram: desigualdade

[2] [7] Mapeamento realizado pela ONG "Todos pela educação", que se trata de uma organização não governamental, sem fins lucrativos, fundada em 2006. Sendo que a pesquisa citada foi feita em 2023.

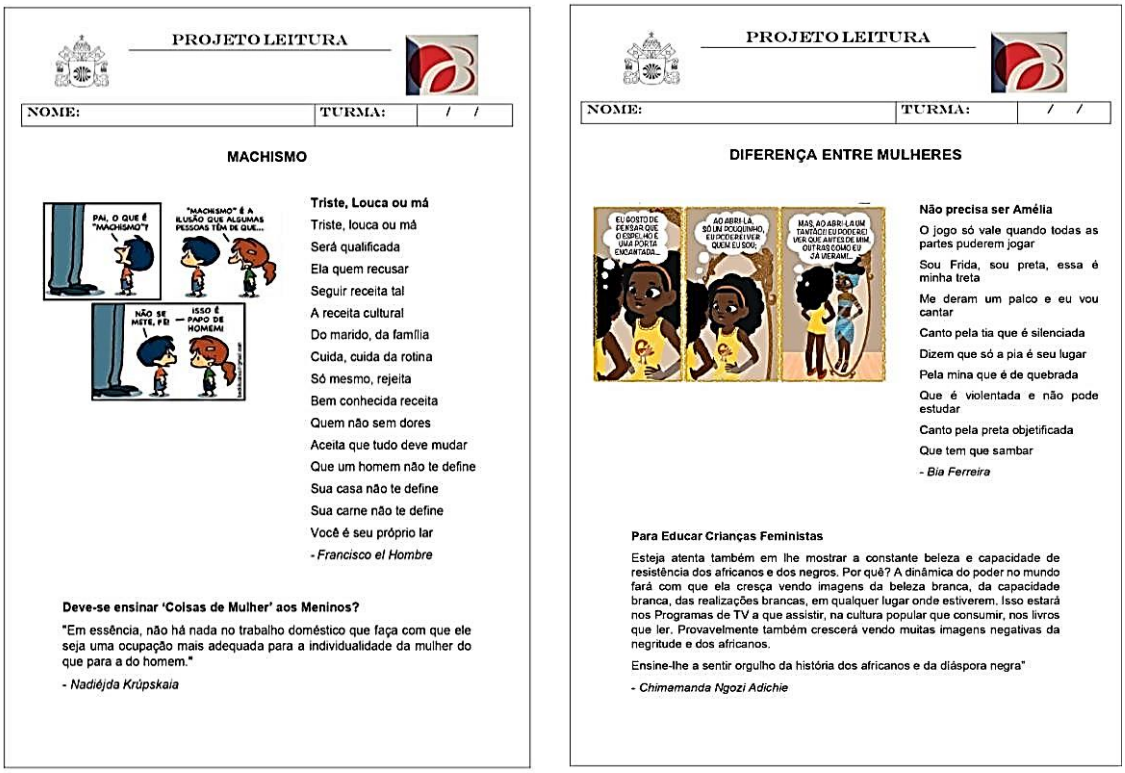
[8] A referente pesquisa, foi encomendada ao Datafolha pela Fundação Lemann, Itaú Social e Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), com apoio da Rede Conhecimento Social, feita em dezembro de 2022 e ouviu 1.323 responsáveis por 1.863 estudantes matriculados em escolas públicas, entre 6 e 18 anos.

social, comunidade LGBTQIA +, questão ambiental, povos indígenas, desigualdade racial, machismo e feminismo. Nesse relato de experiência, trataremos sobre o último eixo temático estudado, destacando sua relevância histórica e as problemáticas que persistem na atualidade.

O primeiro tópico que utilizamos para introduzir a temática sobre a desigualdade de gênero, foi uma discussão acerca da construção histórica dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres, mostrando como essa relação foi sendo estabelecida e transformada ao longo do tempo. Assim, as atividades foram planejadas e executadas de forma a promover reflexões sobre os diferentes aspectos e permanências das estruturas patriarcais na sociedade contemporânea e na vida dos estudantes.

Durante a aplicação do Projeto Leitura foram realizadas aulas expositivas dialogadas com duas turmas, nas quais visamos desenvolver a reflexão crítica dos alunos sobre as estruturas patriarcais existentes na sociedade contemporânea e suas consequências em seu cotidiano. Para essa finalidade, elaboramos um material didático como suporte **(Fig.1)**, em que nele continha trechos de textos, músicas, quadrinhos e pesquisas quantitativas, que permitisse um diálogo com os alunos.

Figura 1 - Material didático preparado pelos pibidianos do Projeto Leitura



PROJETO LEITURA

NOME: TURMA: / /

MACHISMO

Triste, Louca ou má

Triste, louca ou má
Será qualificada
Ela quem recusar
Seguir receita tal
A receita cultural
Do marido, da família
Cuida, cuida da rotina
Só mesmo, rejeita
Bem conhecida receita
Quem não sem dores
Aceita que tudo deve mudar
Que um homem não te define
Sua casa não te define
Sua carne não te define
Você é seu próprio lar
- Francisco el Hombre

Deve-se ensinar 'Coisas de Mulher' aos Meninos?

"Em essência, não há nada no trabalho doméstico que faça com que ele seja uma ocupação mais adequada para a individualidade da mulher do que para a do homem."

- Nadiéjda Krúpskaia

PROJETO LEITURA

NOME: TURMA: / /

DIFERENÇA ENTRE MULHERES

Não precisa ser Amélia

O jogo só vale quando todas as partes puderem jogar
Sou Frida, sou preta, essa é minha treta
Me deram um palco e eu vou cantar
Canto pela tia que é silenciada
Dizem que só a pia é seu lugar
Pela mina que é de quebrada
Que é violentada e não pode estudar
Canto pela preta objetificada
Que tem que sambar
- Bia Ferreira

Para Educar Crianças Feministas

Esteja atenta também em lhe mostrar a constante beleza e capacidade de resistência dos africanos e dos negros. Por quê? A dinâmica do poder no mundo fará com que ela cresça vendo imagens da beleza branca, da capacidade branca, das realizações brancas, em qualquer lugar onde estiverem. Isso estará nos Programas de TV a que assistir, na cultura popular que consumir, nos livros que ler. Provavelmente também crescerá vendo muitas imagens negativas da negritude e dos africanos.

Ensine-lhe a sentir orgulho da história dos africanos e da diáspora negra"

- Chimamanda Ngozi Adichie

Arquivo Pessoal, 2023.

Para a realização das atividades do Projeto Leitura, foi montado um material pedagógico para ser utilizado com os discentes, e durante as aulas sobre desigualdade de gênero utilizamos escritos da Nadejda Krupskaia, fragmentos textuais da escritora Chimamanda Ngozi Adichie, músicas da banda Francisco el Hombre e Bia Ferreira[39], além de charges e recursos audiovisuais que fossem complementares às nossas explicações. Durante as interações entre os pibidianos, também compartilhamos outras leituras internas para enriquecer nosso repertório cultural e intelectual.

Tratamos problemáticas importantes para o movimento feminista, e ao discutir assuntos como a disparidade salarial, a sub-representação política, os estereótipos de gênero, a discriminação no mercado de trabalho e a desigualdade na divisão do trabalho doméstico e de cuidados, os estudantes puderam compreender de forma mais ampla e contextualizada as diversas formas em que a desigualdade de gênero se manifesta no contexto brasileiro. Assim, os desafios enfrentados pelos discentes ao discutir essas questões refletem as realidades complexas e multifacetadas da desigualdade de gênero na sociedade brasileira, destacando a necessidade contínua de conscientização e ação para promover a igualdade de gênero no país.

Percebemos também que a análise das estruturas patriarcais e dos desdobramentos da desigualdade de gênero pode impactar na construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa de várias maneiras. Isso inclui a conscientização sobre as injustiças e discriminações de gênero, a desconstrução de estereótipos prejudiciais, a promoção da igualdade de direitos e oportunidades, e o empoderamento de indivíduos e grupos marginalizados.

Além das aulas expositivas, foram realizadas rodas de conversa em grupos menores, visando promover uma maior interação e participação dos alunos, no qual buscou-se explorar percepções mais pessoais relacionadas às experiências dos estudantes em relação ao machismo e ao feminismo. Essa abordagem mais intimista permitiu que os discentes compartilhassem as suas próprias dúvidas e questionamentos, criando um espaço seguro para expressar opiniões e discutir questões sensíveis, além de explorar de forma mais aprofundada as nuances e complexidades das questões de gênero.

A avaliação dos alunos foi realizada de forma contínua, por meio de observação e análise

[3 9] Os autores foram selecionados com o objetivo de trazer diferentes perspectivas e vozes à discussão sobre desigualdade de gênero. Nadejda Krupskaia foi uma importante líder política e educadora russa, cujos escritos oferecem uma visão histórica e política sobre a questão. Chimamanda Ngozi Adichie é uma renomada escritora nigeriana, cujos textos trazem reflexões sobre feminismo e empoderamento feminino. Além disso, ao utilizar músicas da banda Francisco el Hombre e Bia Ferreira, foi possível incorporar a arte e a cultura como formas de expressão e resistência contra a desigualdade de gênero. A música muitas vezes transmite mensagens poderosas e engajadas, que podem complementar e enriquecer as discussões em sala de aula.

do desempenho nas atividades propostas, na qual a principal tarefa foi a aplicação de um debate em sala de aula, em que os alunos foram divididos em dois grupos: um que representasse a mentalidade machista e o outro feminista, sendo incentivados a defender suas posições por meio de argumentos lógicos e fundamentados. Além do mais, os critérios de exames englobaram a habilidade de raciocínio, a participação ativa nas discussões e a capacidade de reflexão crítica sobre as questões abordadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

A escola desempenha um papel crucial na formação do indivíduo, especialmente no que diz respeito à construção dos valores culturais e do lugar ocupado na sociedade, por ser esse espaço que os alunos passam uma grande parte de suas vidas. Como tal, é fundamental encorajar reflexões sobre o feminismo, ao enfrentamento da misoginia, machismo e ao patriarcado, pois essas discussões contribuem para a desconstrução de estereótipos e preconceitos, promovendo assim uma educação mais inclusiva e respeitosa.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, 1990), em seu Art. 53, diz que "a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, e preparo para o exercício da cidadania". Já a Constituição Federal em seu Art. 6., estabelece a educação como um dos direitos do cidadão. Nesse sentido, incluir no ensino a discussão sobre gênero, sexualidade e igualdade de direitos é fundamental para promover o pleno desenvolvimento físico, psicológico, cognitivo e social dos indivíduos.

Paulo Freire compreende que para uma educação humanizadora, é necessário incentivar o conhecimento de forma interdisciplinar, conectando a experiência de vida com a sistematização crítica por meio do diálogo. Andreola esclarece que:

> Freire não adota uma concepção intelectualista, ou racionalista do conhecimento. O conhecimento engloba a totalidade da experiência humana. As palavras e os temas mais significativos deste universo são escolhidos como material para (...) a elaboração do novo conhecimento, partindo da problematização da realidade vivida (Andreola, 1993, p. 33).

Nesse contexto, a atividade foi desenvolvida visando relacionar a temática das desigualdades de gênero com a realidade presente na sociedade brasileira, na qual muitos dos alunos vivenciam. Através do diálogo e da troca de saberes, buscamos debater determinados aspectos, como a opressão e a violência contra a mulher, da disparidade de salários, da objetificação da mulher, sendo estes problemas históricos enfrentados ainda na contemporaneidade.

Ao discutir a temática das desigualdades de gênero e sua desconstrução, buscamos fundamentação teórica em autores como Drumont, que analisou a ideologia machista presente na sociedade.

> Este tipo de preconceito mostra-se interligado às relações de exploração, de superioridade e de submissão entre o homem e a mulher, o que cria modelos sexistas de identidades masculinas e femininas. Trata-se de um sistema de dominação que utiliza a questão do gênero como uma forma de hierarquização (Drumont, 1980, p. 82).

Assim, identificamos a presença da submissão da mulher em relação ao homem, que permeia diferentes áreas da sociedade, como os âmbitos sociais, políticos, culturais e econômicos, afetando mulheres de variadas faixas etárias, origens étnicas e classes sociais. Esse sistema de exploração e submissão, que estabelece modelos sexistas de identidades e hierarquiza os gêneros, é responsável por casos de violência, abuso e feminicídio. A filósofa brasileira Djamila Ribeiro (2016) ressalta que "para nós, falar de machismo (...) é questão de sobrevivência".

Problematizar tais aspectos na escola não apenas promove a reflexão crítica dos alunos, mas também os capacita a agirem como agentes de transformação social. Ao compreenderem que a misoginia não é um problema isolado, mas sim parte de um sistema de opressão, os estudantes são incentivados a questionar e a combater atitudes e práticas discriminatórias em seu ambiente e na sociedade em geral. O papel da escola na luta para a desconstrução do machismo se configura a partir de

> [...] pensar em estratégias que visem diminuir os efeitos das discriminações nas relações de gênero e no processo de construção de novas relações entre homens e mulheres que possam gerar comportamentos e papéis que nos tornem pessoas melhores e mais felizes. (Silva; Mendes, 2015)

Assim, a educação se apresenta como uma ferramenta poderosa na luta contra o machismo e outras formas de discriminação, ao capacitar os alunos com o conhecimento e a consciência necessários para promoverem mudanças significativas em suas vidas e em suas comunidades. Como enunciou o educador Carlos Rodrigues Brandão "A educação não muda o mundo. A educação muda as pessoas. As pessoas mudam o mundo."

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Após a aplicação das dinâmicas propostas para os discentes, houve a percepção de que os alunos foram afetados de maneiras diferentes, mas que no geral, gostaram da experiência de poderem expor suas ideias de forma espontânea. Na prática, nós nos dividimos em alguns grupos:

um pibidiano ficou como mediador, atendendo as demandas imediatas da atividade, seis estagiários ficaram espalhados entre os estudantes para auxiliarem nos argumentos e outros dois assumiram como juízes, anotando a participação dos discentes e frases ditas por eles para comentarmos e debatermos depois.

Observamos ao longo do desenvolvimento da proposta, uma diversidade de percepções e reações por parte dos alunos em relação aos temas abordados. Notamos um padrão de resistência e até mesmo de preconceito nas falas dos estudantes, especialmente advindo dos discentes do sexo masculino, que demonstraram uma tendência a reproduzir estereótipos de gênero e piadas machistas durante as atividades. Comentários como "mulher casa de branco para combinar com a geladeira e fogão" ou "mulher esquenta a barriga no fogão e esfria no tanque" foram repetidos várias vezes durante as dinâmicas, evidenciando que ainda há o estigma de que "o lugar da mulher é na cozinha", fato que combatemos incisivamente.

Por outro lado, também foram identificados avanços significativos, especialmente entre as alunas, que demonstraram uma maior consciência e engajamento. Houve uma profunda disposição por parte das meninas em questionar os padrões sociais e reivindicar seu espaço na sociedade, o que sugere um processo de empoderamento e conscientização em relação aos seus direitos e dignidade.

Figura 2 - Foto dos discentes durante a dinâmica

Arquivo Pessoal, 2023.

Figura 3 - Foto dos discente durante a dinâmica

Arquivo Pessoal, 2023.

As fotos foram feitas nos momentos em que apresentamos em grupos menores o material didático preparado por nós, em diálogo constante com os discentes para sabermos o que pensavam. Desta forma, pudemos nos dedicar de modo aprofundado, entendendo suas perspectivas e demandas. Após esse momento, houve o debate com todos os alunos, sendo um grupo a favor do feminismo e outro contrário.

CONCLUSÃO

A partir do que foi exposto, percebe-se a necessidade de abordar sobre machismo e os feminismos dentro da sala de aula, uma vez que essa temática permeia a vida cotidiana dos estudantes. Difundir concepções do senso comum de acreditar que o assunto não é relevante, que os preconceitos já se findaram ou que os estereótipos já foram superados é um grande desacerto no qual o educador não pode incorrer, visto o notório papel do assunto na transformação da realidade social.

A experiência relatada também evidenciou a maior participação e engajamento dos alunos em atividades em que eles possam se expressar abertamente, comunicando uns com os outros e atuando de maneira coletiva. Vale ressaltar que, apesar dos estudantes exprimirem o que

quiserem no debate, é crucial que o professor esteja atento para corrigir qualquer equívoco que possa prejudicar o aprendizado do restante da turma, atuando como um mediador e interferindo sempre que considerar necessário.

Trazer essa discussão para dentro da sala de aula, auxilia os discentes a problematizar e desnaturalizar comentários e posicionamentos que poderiam enxergá-los como aceitáveis. É de suma importância compreender que os estudantes chegam para a sala de aula como um conhecimento prévio, adquiridos nas conversas cotidianas, nos espaços culturais, nas relações sociais e nos recursos audiovisuais que consomem, moldando seu repertório cultural e perspectiva sobre determinados temas.

Assim, cabe ao docente recusar uma educação bancária, no qual o seu papel é apenas depositar conhecimento nos alunos e esperar que todos compreendam da mesma maneira (Freire, 1987, p.37-38). É preciso tirar os estudantes da passividade e utilizar metodologias – e isso não quer dizer que necessariamente precisa utilizar vastos recursos tecnológicos – que permitam uma maior participação, atuação e que os coloque no centro do processo ensino- aprendizagem.

Foi exatamente isso que nós fizemos: o eixo temático foi abordado de diversas formas para atender as demandas de todos os alunos, utilizamos trechos de músicas, charges, manchetes de jornais e fragmentos de obras relevantes para que o conteúdo fosse sendo analisado de várias perspectivas. O debate em si foi um momento marcante, visto que os discentes se sentem mais confortáveis para exporem suas opiniões e considerações sobre o assunto.

Por fim, concluímos que ao incorporar discussões sobre as desigualdades de gênero na sala de aula, estamos não apenas proporcionando um espaço de aprendizado enriquecedor, mas também contribuindo para a formação de cidadãos críticos, conscientes e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Este processo educativo não se encerra no debate, mas se estende para além das paredes da escola: com os estudantes refletindo sobre suas ações e o mundo em sua volta, e nós, em contínuos questionamentos e aprendizagens.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de expressar a gratidão à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela possibilidade de fazermos parte do PIBID, permitindo o nosso primeiro contato da experiência docente na prática. Também somos gratos à coordenadora do subprojeto de história pela PUC Minas, professora Jacyra Antunes Parreira, e ao nosso professor supervisor, por toda dedicação e empenho em nos auxiliar nessa jornada. Reconhecemos todo apoio e orientação que recebemos ao longo do caminho, e gostaríamos de salientar que estas serão

inestimáveis para a nossa trajetória enquanto professores. Por fim, gostaríamos de expressar nossa gratificação a todos os membros da comunidade escolar da escola-campo na qual desenvolvemos nossas atividades, por sua receptividade e disposição conosco.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, C. **Para Educar Crianças Feministas**: um manifesto. São Paulo: Companhia das letras, 2017.

ANDREOLA, Balduino A. O Processo do Conhecimento em Paulo Freire. *In*: **Revista Educação e Realidade**, v.18, n. 1, p. 32-45, jan-jul/1993.

BATISTA, Lívia. **Apenas 25% das escolas brasileiras têm ações contra machismo e LGBTfobia**; menor índice em 10 anos. Diadorim. São Paulo, 24. Dados. Disponível em: https://adiadorim.org/noticias/2023/07/apenas-25-das- escolas-brasileiras-tem-acoes-contra-machismo-e-lgbtfobia-menor-indice-em-10-anos/. Acesso em: 9 mar. 2024.

BLOG da Boitempo - https://blogdaboitempo.com.br/2019/02/26/krupskaia-versus-damares-deve-se-ensinar- coisas-de-mulher-aos-meninos/. Acesso em: 13 mar. 2024.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Paulo Freire** - Educar para transformar: fotobiografia. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

BRASIL. **Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990.** Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1990/lei-8069-13-julho-1990-372211-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 01 de Março de 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm>. Acesso em: 01 de Março de 2024.

CRUZ, Elaine. **Alfabetização evolui devagar na rede pública após pandemia, dizem os pais**: Pelo menos 40% apontam lentidão e dificuldade na volta às aulas. Agência Brasil. São Paulo, 2023. Disponível em: https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2023-03/alfabetizacao-evolui-devagar-na-rede-publica-apos- pandemia-dizem-pais. Acesso em: 9 mar. 2024.

DRUMONT, Mary Pimentel. Elementos para uma análise do machismo. **Perspectivas**, São Paulo, n. 3, p. 81-85, 1980. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/perspectivas/article/viewFile/1696/1377> Acesso em: 01 mar. 2024.

EL HOMBRE, Francisco. Triste, louca ou má. Intérprete: Francisco el Hombre. 2016. Disponível em: https://youtu.be/lKmYTHgBNoE?feature=shared. Acesso em: 13 de março de 2024.

FERREIRA, Bia. Não Precisa se rAmélia. Intérprete: Bia Ferreira. 2018. Disponível em: https://youtu.be/Kqy8SwZ7qsU?feature=shared. Acesso em: 13 mar. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.

REINHOLZ, Fabiana. Educação machista, estereótipos e raiva estão na base da violência contra a mulher. Brasil de Fato. Porto Alegre, 2023. Direitos Humanos. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2023/03/08/educacao-machista-estereotipos-e-raiva-estao-na-base-da-violencia- contra-a-mulher. Acesso em: 9 mar. 2024.

RIBEIRO, Djamila. **"Para nós, falar de machismo e racismo é questão de sobrevivência".** Disponível em: https://pt.org.br/djamila-ribeiro-pra-nos-falar-de-machismo-e-racismo-e-questao-de-sobrevivencia/ . Acesso em: 01 mar. 2024.

SILVA, M. C.; MENDES, O. M. **As marcas do machismo no cotidiano escolar**. Uberlândia – MG : Jun. 2015. (Caderno Espaço Feminino – v. 28), p. 90-99. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/31723/17214>. Acesso em: 02 mar. 2024.